
RELIGIÃO E DIGNIDADE HUMANA NA PERSPECTIVA DE ATEUS UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

RELIGION AND HUMAN DIGNITY FROM THE PERSPECTIVE OF
UNIVERSITY ATHEISTS: AN EXPLORATORY STUDY

Vitor Hugo Rinaldini Guidotti¹

<https://orcid.org/0000-0001-9588-8142>

<http://lattes.cnpq.br/3171646123025674>

Bianca Regina de Queiróz Mesquita²

<https://orcid.org/0000-0002-6474-5728>

<http://lattes.cnpq.br/8371664837893962>

Micaela Aparecida Pellissari Ganzarolli³

<https://orcid.org/0000-0002-6061-8334>

<http://lattes.cnpq.br/0448107759334830>

Mateus Espindola Giuliangeli de Castro⁴

<https://orcid.org/0000-0003-4941-7774>

<http://lattes.cnpq.br/1140930379337893>

Pedro Vinicius Neres Chagas da Silva⁵

<https://orcid.org/0000-0002-9944-0625>

<http://lattes.cnpq.br/1755591133111294>

Recebido em: 27 de dezembro de 2019.

Aprovado em: 11 de julho de 2020.

RESUMO: Desde o início do milênio, foi significativo o aumento de manifestações ateístas ao redor do mundo, incluindo produções literárias de intelectuais reconhecidos na comunidade científica, debates sobre ateísmo e religião e o aparecimento de organizações ateístas em diversos países, principalmente no ocidente. O Brasil é um dos lugares em que isso é evidenciado, em especial por conta de alguns acontecimentos referentes a grupos de ateus ocorridos nos últimos anos. Neste sentido, este trabalho procurou compreender como ateus universitários compreendem a religião em relação a defesa da dignidade da pessoa humana. A partir da realização de 11 entrevistas semiestruturadas e com base em

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Membro do Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP/UFSCar). E-mail: vitor_guidotti@live.com.

² Professora de Sociologia na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: b.mesquita@hotmail.com.

³ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: mpganzarolli@gmail.com.

⁴ Bacharel em Ciências Sociais (UFSCar), no campus São Carlos, com ênfase em Sociologia e Antropologia. Membro ativo do Núcleo de Estudos do Valor e da Hierarquia (NEVH) na mesma universidade (UFSCar). E-mail: mateuespindola11@hotmail.com.

⁵ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: pedro_vncs@hotmail.com.

algumas abordagens teóricas sobre religião, buscou-se analisar, a partir de uma perspectiva exploratória, as percepções de ateus a respeito do tema. Com o conteúdo das entrevistas foi possível chegar a algumas conclusões, e dentre as que mais se destacam citamos: a diferença de concepção de religião entre o grupo entrevistado e as manifestações de grupos ateus brasileiros, o reconhecimento das religiões de matriz africana como uma forma de luta contra a intolerância e de defesa étnico-cultural, além do apontamento do cristianismo, sobremaneira os segmentos católicos e evangélicos, como promotores de intolerância religiosa.

Palavras-chave: Ateísmo; Religião; Direitos Humanos; Ciência.

ABSTRACT: Since the beginning of the millenia, the number of atheist manifestations increased significantly, including literary productions by intellectuals renowned in the scientific community, debates over atheism and religion and the appearing of atheist organizations, mainly in the west. Brazil is one of those places in evidence, especially due to some events referred to atheist groups occurring in the last years. In this regard, this paper seek to comprehend how atheists college students understand religion regarding to the human being dignity defense. After conducting interviews both semi-structured and based in theoretic approaches, we sought to analyse the atheists perceptions regarding the theme. With the content of these interviews some conclusions were made, among them: the different conceptions about religion between the interviewed group and the manifestations of brazilian atheists groups, the acknowledgement of african religions as a form of fight against intolerance and ethnic and cultural defense, as well as remarking christianity, more importantly the catholic and evangelic segments, as promoters of religious intolerance.

Keywords: Atheism; Religion; Human Rights; Science.

INTRODUÇÃO

O atentado terrorista ao *World Trade Center* nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001, evidenciou um interesse público sobre a religião e suas manifestações contemporâneas. Em especial porque foram incisivas as acusações, por parte do mundo ocidental, de que não seria possível convencer homens a colidir com os aviões em prédios, como se fossem bombas, sem que estivessem convencidos de que estavam realizando o desejo divino.

Ainda que seja preciso considerar a dimensão de dominação tipicamente ocidental acerca do caso, os desdobramentos daí originados resultaram na proliferação de uma série de obras publicadas por autores declaradamente ateus. Se destacam, pela influência internacional, quatro autores ligados ao meio acadêmico e ao jornalismo, que são considerados, em alusão a passagem do livro do Apocalipse, como os “Quatro Cavaleiros do Ateísmo”⁶. São eles: Daniel Dennett, filósofo estadunidense, que comparou a religião com um fungo de formigas, que “sequestra” o cérebro das pessoas e as leva a fins indesejados (DENNET, 2006); Sam Harris, neurocientista autor de *O Fim da Fé* e *Carta a uma Nação Cristã*, em que faz duras críticas à

⁶ A relação entre apocalipse a ateísmo ocorre a partir de duas frentes antagônicas. De um lado, grupos religiosos rotulam os autores como cavaleiros do apocalipse em um sentido combativo e demonstrando a ameaça de tais autores para as religiões; de outro, grupos ateístas tendem a assumir o “rótulo”, indo na mesma direção de combate à grupos religiosos ou às religiões como um todo – isto varia entre personalidades e grupos de ateus, onde a defesa radical de ideias ateístas é o que vai definir o nível de apego ao bordão. Em janeiro de 2019 o jornal britânico *The Guardian* publicou uma reportagem tratando desses autores e os caminhos percorridos após o estopim de suas manifestações públicas (POOLE, 2019).

religião (HARRIS, 2007a; 2007b), além de já ter afirmado categoricamente que a Ciência pode responder questões morais melhor do que qualquer religião (HARRIS, 2013); Christopher Hitchens, jornalista que considera a necessidade de um novo iluminismo (HITCHENS, 2007); e Richard Dawkins, biólogo autor do *best-seller* Deus, um delírio (DAWKINS, 2007), que se destaca pelos debates travados com religiosos ao redor do mundo na sua incessante ofensiva contra as religiões.

O cerne da questão é que para estes autores a religião parece distanciar qualquer esforço em defesa da dignidade humana, esta última definição entendida como o reconhecimento de que todos os seres humanos, mesmo apresentando diferenças culturais e biológicas, não podem ser considerados superiores ou inferiores aos demais (COMPARATO, 2013). Além disso, toda a tentativa de conciliar ciência e religião é desacreditada por esses autores e tida como uma diligência contraproducente à humanidade⁷. No entanto, conforme Comparato (2013), vale salientar que desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, a garantia da liberdade religiosa e de convicções é compreendida como parte do ideal tanto da defesa da dignidade humana como para a interpretação dos direitos humanos na composição do ordenamento jurídico de um Estado constitucional. Aí se define uma aparente contradição por parte destes autores ateus, que ao discutirem os “efeitos” da religião no mundo, acabam por generalizar uma visão depreciativa das religiões e do “direito” à crença.

Para o nosso interesse, importa destacar que todos esses autores influenciaram o ateísmo ao redor do mundo. No caso brasileiro, isto fica evidente nas publicações feitas pela Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) em suas redes sociais, e a veiculação de conteúdo semelhante feita pela Liga Humanista Secular do Brasil (LiHS). Na maior parte das manifestações destes grupos, em especial da ATEA, a simples existência da religião e de pessoas religiosas compromete possibilidades de defesa à dignidade humana. As críticas são duras e a possibilidade de se aceitar a existência de qualquer forma de manifestação religiosa é reduzida.

Por outro lado, os ateus no Brasil se apresentam enquanto uma minoria notavelmente suscetível a vieses discriminatórios. Uma pesquisa realizada em 2007 encomendada ao CNT/Sensus revelou que somente 13% do eleitorado brasileiro votaria para presidência da República em um candidato que se declarasse ateu. Para efeito de comparação: 84% assumiram que votariam em um candidato negro, 57% em uma mulher e 32% votariam em algum candidato homossexual. Pesquisas realizadas pela Fundação Perseu Abramo em 2008 apontam que 42% dos brasileiros revelaram ter “aversão aos descrentes”, onde dentre os 42%, 17% declararam sentir ódio e 25% declararam possuir antipatia. Não obstante, o movimento ateu é correlacionado na mídia em grande parte a atitudes criminosas, ligados a crimes contra os direitos humanos, intolerância, extremismos e homicídios, sob a perspectiva de que “se alguém cometeu o crime só pode ser motivado a ‘falta de Deus’”⁸. Para Elias Wolff, líder do Grupo de Pesquisa Teologia, Ecumenismo e Diálogo Interreligioso da PUC-PR e ex-assessor da comis-

⁷ Exemplo disso foi a reação de grupos ateístas brasileiros ao prêmio da Fundação Templeton recebido pelo físico e astrônomo brasileiro Marcelo Gleiser. A página do Facebook da LiHS publicou um texto de Eli Vieira, biólogo e conhecido pela defesa do ateísmo no Brasil, em que rechaça a postura de Gleiser, fundamentando sua explicação com uma descrição de Richard Dawkins, cujo prêmio “é dado a qualquer cientista famoso disposto a ‘dizer alguma coisa gentil sobre a religião’”.

⁸ Um caso ilustrativo foi quando, em 2010, o apresentador do programa “Brasil Urgente” transmitido na Band, José Luiz Datena, relacionou a barbaridade de crimes cometidos com o ateísmo. Segundo a reportagem de Previdelli (2013), “durante 50 minutos no programa, foram ditas frases como ‘um sujeito que é ateu não tem limites e é por isso que a gente vê esses crimes aí’”. A rede de televisão acabou condenada judicialmente pelo ocorrido.

são de diálogo interreligioso da Confederação de Bispos do Brasil, esta discriminação e os preconceitos "infelizmente existem", sobretudo por parte de "alguns grupos religiosos de caráter fundamentalista" (PRESSE, 2013).

Se considerarmos os dados estatísticos sobre religião, notadamente se perceberá que “o Brasil é um país com história e grande predominância cristã” (SOUZA, 2019, p. 15), e isso se reflete na produção científica sobre a temática religiosa no país, mais focalizada nas religiões predominantes, oriundas do cristianismo. Durante muito tempo coube ao ateísmo um lugar oculto na classificação dos censos do IBGE através da categoria “sem religião” que, conforme pontua Mariano (2013, p. 120), se caracteriza por ser um “grupo heterogêneo composto por agnósticos, ateus e, sobretudo, por indivíduos que passaram a declarar não dispor de filiação religiosa”, sendo que essa autoidentificação “não significa necessariamente descrença ou indiferentismo religioso”. Dessa forma, se considera o contingente de ateus dentro da composição do grupo denominado “sem religião”, assim, segundo Souza (2019), cabe ressaltar que em 1960 o grupo que se declarava sem religião correspondia a apenas 0,5% da população. Já entre os anos de 1980 e 2010, os sem religião tiveram um salto enorme, “quintuplicaram de tamanho, indo de 1,6% para 8,1%, aumento de 6,5 pontos” (MARIANO, 2013, p. 119).

Partindo dessa perspectiva, Novaes (2004, p. 321) destaca que as “três principais mudanças que caracterizam o campo religioso brasileiro hoje” se configuram pela “diminuição percentual de católicos”, “o crescimento dos evangélicos” e “o aumento dos ‘sem religião’”. Assim, o censo de 2010 inovou ao diferenciar pela primeira vez ateus (cuja cifra chegou a 615.096) de agnósticos (124.436) dentro da categoria de “sem religião” (que em conjunto totaliza mais de 15,3 milhões de pessoas se autodeclarando sem religião). Apesar do número de ateus expresso no Censo ainda ser pequeno em comparação ao quadro geral de religiões no Brasil, ele é muito expressivo, pois “supera a soma de adeptos autodeclarados dos cultos afro-brasileiros”, e além disso, “os sem religião são efetivamente mais secularizados do que os filiados a qualquer organização religiosa” (MARIANO, 2013, p. 123).

Há outros indicadores no Censo que são interessantes para se destacar e que nem sempre são apontados nas pesquisas acadêmicas, como por exemplo, há mais homens (9.082.507) se declarando sem religião do que mulheres (6.253.004). No que diz respeito a cor ou raça, há mais pardos (7.217.638) que em relação a brancos (6.075.781) e pretos (1.698.719) se declarando sem religião⁹. Além disso, cabe destacar também, de acordo com Rodrigues (2012, p. 1138), que “os sem religião estão presentes em todo o território nacional, em proporções diferentes, mas é na região Sudeste (8,96%) que continuam destacando-se, seguidos pela região Centro-Oeste (8,42%) e pela região Nordeste (8,29%)”. De todo modo, é necessário reforçar que o Brasil é marcado por um mercado religioso bastante diverso, e caracterizado principalmente por um pluralismo cristão, apesar do crescimento do “contingente dos sem religião – o que mais cresceu nas duas últimas décadas do centenário passado – teve expressivo refreamento” na quantidade de autodeclarados, de acordo com os dados estatísticos mais recentes (SOUZA, 2019).

Considerando mais detidamente o termo “ateísmo”, Koslowski e Santos (2016) apresentam que esse conceito possui uma pluralidade de possibilidades na literatura contemporânea, ou

⁹ O IBGE não distinguiu nessas categorias de sexo e cor/raça quantas pessoas se denominam como ateus, então por isso apontamos apenas esse quadro genérico do grupo sem religião, pois as cifras apresentadas já incluem os grupos de ateus e agnósticos, porém, sem distinção específica. Mais dados do Censo 2010 estão disponíveis em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107?detalhes=true>>.

seja, os autores destacam que existem muitas formas de definir o ateísmo, não havendo um consenso definitivo sobre o termo, o que existe são abordagens que ora se aproximam ora divergem. Assim, o termo ateísmo só seria “incorporado ao léxico das línguas europeias modernas apenas no século XVI” (KOSLOWSKI e SANTOS, 2016, p. 811). Ainda de acordo com os autores, as definições do termo ateísmo podem variar entre noções de “‘ateísmo’ como um ‘não-teísmo’”, “ateísmo como ausência de crença em deus ou nos deuses”, e ainda, o ateísmo pode ser visto como um “sistema(s) de crenças e perspectiva(s) política(s)”. Além disso, cabe destacar as variações contemporâneas que o ateísmo pode abranger, como: “ateísmo comunista, o existencialismo ateu, o humanismo, o neoateísmo, os racionalismos libertários, entre outros” (KOSLOWSKI e SANTOS, 2016, p. 824). Não cabe neste trabalho um debate exaustivo sobre cada um desses aspectos que o ateísmo pode vir a representar, só é necessário evidenciar essa ampla noção do que pode vir a ser considerado como ateísmo. Nesse sentido, e em concordância com os autores, é importante ter em mente “o que queremos dizer quando dizemos que alguém é ateu e qual é o ônus que compete a um indivíduo que não sustente, ou sustente a crença de que Deus ou deuses não existem.” (KOSLOWSKI e SANTOS, 2016, p. 825).

Este panorama produz uma inquietação: diante da manifestação de organizações ateístas no Brasil, e em face do cenário religioso brasileiro e a situação de discriminação dos ateus evidenciada, como os ateus compreendem a religião em relação à dignidade da pessoa humana? A fim de explorar¹⁰ o tema, este trabalho analisou a perspectiva de ateus universitários sobre a religião, buscando compreender de que forma este grupo de pessoas consideram a (im)possibilidade de a religião contribuir para a defesa dos direitos humanos. Para interpretar tais concepções, além dos apontamentos sobre o ateísmo no contexto brasileiro já apresentados, percorreu-se brevemente algumas abordagens teóricas sobre religião à guisa de aporte metodológico.

1. AUTONOMIA OU DOMINAÇÃO? UM ESBOÇO TEÓRICO SOBRE OS “EFEITOS” DA RELIGIÃO

Múltiplas são as abordagens sobre religião: teológica, científica, filosófica etc. A curiosidade com que a religião move pessoas e grupos para os seus múltiplos entendimentos demonstra que se trata de um tema de especial interesse em diversos contextos históricos e sociais. Os enfoques, variados, mudam de acordo com os objetivos aos quais seus analistas se preocupam. Contudo, mesmo que nas entrelinhas, alguns olhares sobre a religião possibilitam perceber uma interrogação constante: afinal, quais os efeitos da religião, da permanência das religiões e das crenças religiosas em um mundo secularizado, na defesa da dignidade da pessoa humana? Sem a intenção de responder essa pergunta, mas a compreendendo como chave de leitura, vale percorrer algumas análises no sentido de vislumbrar as facetas entre ciência e religião, entre razão e fé. Deste modo, foi possível compor um arcabouço teórico para a análise sobre o que os ateus universitários têm a dizer sobre religião.

A começar pela Sociologia Clássica¹¹, para Marx – e Engels –, partindo principalmente da

¹⁰ Importa destacar que a pesquisa é de caráter exploratório, isto é, não buscamos uma compreensão abrangente acerca do fenômeno estudado, mas sim uma maior familiarização com o tema, a clarificação de conceitos e a constituição de um terreno mais sólido para pesquisas futuras (MARCONI e LAKATOS, 2003).

¹¹ Para uma síntese mais abrangente sobre como Marx, Durkheim e Weber abordaram a religião nos seus escritos, ver

sua crítica ao filósofo Ludwig Feuerbach (1804-1872), ainda que a crítica à religião estivesse, segundo ele, terminada, era basilar suplantando as limitações que a própria crítica filosófica estabeleceu na época para compreender os efeitos materiais da religião (MARX e ENGELS, 2010). Marx compreendia a religião como uma criação humana, uma forma de protesto dos oprimidos, mas que produz uma falsa visão da realidade, uma fantasia que oferece uma “felicidade ilusória” que conduz a uma vida de opressão e impossibilita revelar o mundo tal como realmente é (MARX, 1976). Assim, para o revolucionário alemão, superar a religião era uma das necessidades para despertar a consciência de classe do proletariado e assim criar as condições para atingir o auge de uma sociedade comunista.

Durkheim (1989), que em relação a Marx se dedicou mais ao tema, entendia a religião como um sistema de crenças e práticas que unem os adeptos a uma “comunidade moral”, entendida como igreja. As crenças religiosas para Durkheim apresentam uma característica comum que é produzir uma classificação que se resume naquilo que é entendido por “sagrado” e “profano”. Para o autor, “as crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que essas mantêm entre si com as coisas profanas”, e, portanto, “os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas” (DURKHEIM, 1989, p. 72). Assim, Durkheim percebe a religião como uma das instituições que “produz” coesão social, necessária para a constituição de uma sociedade e o impedimento de que esta caia no indesejável estado de “anomia”.

Dentre os clássicos é Max Weber quem mais influenciou a tradição sociológica sobre religião. Para Weber (1991) a religião, tipicamente as religiões do ocidente, é uma forma de agir em comunidade, de tal modo que sua sociologia compreensiva a imputa como produtora de sentido da ação social. Descrevendo a complexa relação entre igrejas, sacerdotes, profetas e magos, Weber compreendeu que a religião exerce dominação¹² sobre os indivíduos, fazendo-os assimilar determinados estilos de vida considerados legítimos (WEBER, 1991). Sua obra que melhor apresenta a influência da religião na sociedade, intitulada *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, versou sobre de que forma é possível entender a configuração da sociedade concebendo os sentidos religiosos como um dos elementos de racionalização de um conjunto de ações sociais (WEBER, 2001).

Retomando nosso escopo, isto é, a relação entre religião e razão, é Weber dentre os clássicos que traz uma profunda reflexão a respeito. Em *Tipologia da renúncia religiosa ao mundo*, Weber (2010) esboça de que modo a religião se “comporta” perante a tensão existente entre as esferas mundanas, quais sejam: econômica, política, estética, erótica e intelectual. A partir da tipologia denominada “ascetismo” e “misticismo”, Weber explica os motivos de renúncia religiosa ao mundo, e se tomada como análise a racionalização produzida pela religião, é possível entender que o indivíduo, no interesse pela sua salvação, deveria se aproximar mais dos valores ensinados pelo sacerdote e se afastar quanto mais possível dos valores mundanos,

Leão (2015).

¹² Dominação para Weber (2004, p. 188) é a “(...) possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria (...)”, de forma que sua sociologia da dominação a elenca como um dos elementos para o conceito geral de poder. Weber entendia a dominação como uma maneira de influenciar a ação de outros indivíduos de tal modo de estes a compreendam como sua própria vontade. Neste sentido, Bourdieu (2011) ao assimilar as abordagens de Marx, Weber e Durkheim, acaba por constituir uma sociologia da religião que a concebe como um sistema simbólico de dominação. Desta maneira, a religião mantém coesa a estrutura de relações sociais por meio da “absolutização do relativo e legitimação do arbitrário” promovida pelo consumo dos “leigos” dos bens de salvação produzidos pela igreja. Assim, a religião contribui para a “naturalização” das relações hierárquicas entre grupos dominantes e dominados.

diametralmente opostos a sua salvação. Nesse sentido, é a esfera intelectual que apresenta a tensão mais acentuada em relação à esfera religiosa, pois é a ciência, o conhecimento empírico, que desnuda o mundo da sua máscara encantada. Para Weber (2010, p. 78), “a ciência, então, contradiz o postulado ético de que o mundo é um cosmos ordenado por Deus e que, portanto, está significativa e eticamente guiado a alguma direção”. Para lidar com tal situação, a “religião ascética” estabelece uma relação muito próxima ao intelectualismo racional, por exemplo, na constituição de estabelecimentos de ensino próprios, ao mesmo tempo em que defende que a religião se estabelece em um nível de compreensão a qual a ciência não é capaz de atingir. Pela rejeição e absorção na via de sua atividade no âmbito da esfera intelectual, é que a religião compõe sua forma de lidar com tensão entre o conhecimento religioso e o científico (WEBER, 2010).

Já Georg Simmel, que convivia no mesmo círculo intelectual de Weber, também tratou de religião e sua situação em um mundo em que a coloca em suspeição. Em seus textos, Simmel (2010) enfatizou a diferença entre religião e religiosidade, pois a religião, a partir dos estabelecimento de seus dogmas, do culto e o direcionamento dos comportamentos diante de Deus não pode minimizar a aspecto psicológico da religiosidade e da fé encontrada nas manifestações individuais, portanto, o enfoque de Simmel é compreender a constituição da religiosidade do indivíduo, imanente à sua consciência, deslocando da análise objetiva das religiões. A necessidade de sua abordagem se justifica à medida em que afirma que mesmo com a crítica iluminista sobre religião, seria uma “cegueira” assumir a destruição de uma manifestação encontrada em distintas sociedades ao longo da história, isto é, “até agora, a religião sobreviveu às religiões, tal como uma árvore sobrevive à colheita periódica de seus frutos” (SIMMEL, 2010, p. 11). Para Simmel (2010, p. 12) “a religiosidade, enquanto natureza da pessoa religiosa, se contrapõe à objetividade da matéria religiosa”. Trata-se de uma compreensão sobre os efeitos da religião, seus dogmas e modos de conduta em que a religiosidade não necessariamente está atrelada aos imperativos da religião organizada.

As reflexões sobre religião, religiosidade e ciência não estão circunscritas ao campo *stricto sensu* da filosofia e da sociologia. Prova disso são os textos de Albert Einstein, eminente físico teórico que viveu entre os séculos XIX e XX. Einstein (2005) compreendia a forma como a religião atendia a interesses de “castas politicamente dominantes”, porém, fala de uma religiosidade cósmica que “gênios” apresentaram ao longo do tempo e que se diferencia da religião dos sacerdotes, religiosidade que considera “elevada”. Para Einstein é possível uma reconciliação entre ciência e religião. Enquanto a ciência deve buscar “o que é”, a religião deve ser entendida como uma fonte do que “deveria ser”, desde que a religião seja aquela manifestada pelas pessoas religiosamente iluminadas que buscam a “clara e completa consciência de fins e valores”, portanto, “se concebermos a ciência e a religião segundo tais definições, não há possibilidade de conflito entre ambas” (EINSTEIN, 2005, p. 275). Conclui-se que para Einstein, a “religiosidade iluminada” que fala, e não aquela que insiste nos dogmas como verdade absoluta, e a ciência, sem a pretensão de atingir “juízos fundamentais”, formam um laço oportuno à humanidade.

O debate acerca do tema também foi tratado por pensadores mais próximos ao nosso tempo, como Jürgen Habermas. Em seu discurso na ocasião do Prêmio da Paz oferecido pela Federação do Comércio Livreiro Alemão em 2001, Habermas (2013) trata da divergência entre a ciência organizada e as igrejas, explicando a desconfiança das manifestações obscurantistas e fundamentalistas que a ciência tinha em relação à religião, enquanto a religião concebia a

ciência como um fenômeno moderno que “enterraria a moral”. Para Habermas tal tensão cria um “jogo de soma zero” como a característica da secularização, pois a ciência, como se vê, caminha orientada pela técnica e pelo alcance indômito dos interesses capitalistas, enquanto a religião se pauta por valores conservadores das igrejas hegemônicas. Tal superação deste panorama passa por uma compreensão de religião que contempla a pluralidade de confissões religiosas existentes, a adaptação da autoridade das ciências e adequação às premissas do Estado constitucional, enquanto que a ciência não pode pretender “substituir a autocompreensão pessoal por uma autodescrição objetivante” (HABERMAS, 2013, p. 13). Neste sentido, Habermas fala de uma sociedade pós-secular, em que a constituição de um senso comum, nos termos da manifestação da solidariedade cidadã, contempla as tradições iluministas e as doutrinas religiosas, num exercício reflexivo de complementaridade¹³ (HABERMAS, 2013, 2007).

Em uma discussão mais conectada aos debates sobre direitos humanos, Boaventura de Sousa Santos procura analisar sociologicamente as manifestações religiosas contemporâneas e como estas contribuem ou não para a defesa da dignidade da pessoa humana. A partir de uma tipologia das teologias políticas, as classificando entre pluralistas e progressistas de um lado, e fundamentalistas e tradicionalistas, de outro, Sousa Santos (2014) apresenta diversos casos de manifestações religiosas ao redor do mundo, no ocidente e no oriente, refletindo acerca das possibilidades e limites de se constituir uma proposta contra-hegemônica de direitos humanos, esta que efetivamente pode trazer as condições de transformação social. Conclui com uma definição um pouco semelhante a de Habermas, em que, mesmo com o alcance notório de teologias alheias à defesa da dignidade humana, propõe uma concepção pós-secularista dos direitos humanos em que as teologias progressistas contribuem na luta dos povos oprimidos.

Como se percebe, várias são as interpretações possíveis sobre a compreensão da religião e da ciência, desde uma recusa mais acentuada da religião, entendida como fulcral elemento de dominação, até a religião e a religiosidade como elementos inerentes à sociedade, cuja algumas de suas manifestações podem trazer possibilidades de autonomia. De fato, não se pretendeu esgotar as abordagens de cada pensador, todavia, esses olhares por distintos ângulos possibilitam vislumbrar a compreensão da religião sem cair em interpretações absolutas. Tal direção se mostra pertinente para analisar a visão de um grupo característico, os ateus, sobre um tema em específico, a religião, de tal forma que suas convicções não passem despercebidas pelas múltiplas abordagens teóricas aqui tratadas.

2. ANÁLISE E COMENTÁRIOS DAS ENTREVISTAS

Com o intuito de compreender as perspectivas de ateus universitários sobre a possibilidade de a religião contribuir, ou não, para a dignidade da pessoa humana, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para observar a opinião deste grupo em relação ao assunto. Delimitamos nossa amostra a alunos vinculados a instituições públicas de ensino superior, do âmbito federal e estadual presentes em dois estados brasileiros¹⁴. Foram realizadas 11 entrevistas.

Antes de iniciarmos a discussão acerca da pluralidade das respostas obtidas, expomos dados mais gerais, tais como sexo, cor, gênero e idade dos participantes. Entre os entrevistados,

¹³ Habermas, após o discurso de 2001, volta a discutir o tema em 2004, mas dessa vez em companhia com Joseph Ratzinger, que viria a ser eleito papa no ano seguinte. Na ocasião, Habermas (2007) desenvolve suas reflexões de maneira mais sistematizada acerca do debate sobre “fé e saber”.

¹⁴ As Universidades não serão citadas para preservar o anonimato dos entrevistados.

observamos uma maioria de mulheres (6) em relação a homens (5), fato esse que em primeiro momento converge com os dados do IBGE apresentados anteriormente. Como dito em nota, é interessante de lembrar que o IBGE agrupou ateus e agnósticos no grupo dos “sem religião”, logo a quantia exata de homens e mulheres ateus é imprecisa. Em relação à cor ou à raça, os entrevistados se declararam: Branco (4), Pardo (4), Preto (2) e não declarados (1); e a idade dos entrevistados variou entre 20 a 32 anos – média de 26,09 anos. A seguir o Quadro 1 apresenta dados para uma melhor compreensão das informações socioeconômicas levantadas nesta pesquisa.

Quadro 1: Informações gerais dos ateus entrevistados

ENTRE-VISTA	SEXO	GÊNERO	IDADE	COR	CURSO	ANO DE INGRESSO
#1	Feminino	Mulher	26	Branco	Doutorado Sociologia	2019
#2	Masculino	Homem	25	Branco	Graduação História	2015
#3	Masculino	Homem	20	Pardo	Graduação História	2019
#4	Feminino	Mulher	28	Preto	Doutorado Sociologia	2019
#5	Feminino	Mulher	23	Branco	Graduação Letras	2016
#6	Masculino	Homem	29	Pardo	Graduação Imagem e Som	2015
#7	Feminino	Mulher	23	Pardo	Mestrado Alimentos e Nutrição	2019
#8	Feminino	Mulher	23	Pardo	Mestrado Letras	2018
#9	Masculino	Homem	28	Preto	Graduação Ciências Sociais	2013
#10	Feminino	Mulher	30	Branca	Mestrado Biologia	2007
#11	Masculino	Homem	32	Não Declarou	Doutorado Sociologia	2019

Fonte: Os/As autores/as (2019)

Quando questionados sobre o que era o ateísmo na sua concepção pessoal, obtivemos respostas semelhantes, porém com suas particularidades. Em linhas gerais as respostas tendiam a conceber o ateísmo como a ausência da crença em uma divindade personificada ou em quaisquer outras entidades transcendentais, como também ausência de crença na religião em geral. Essa concepção básica podemos afirmar que é comum à maioria dos(as) entrevistados(as), apresentando variações interessantes entre a simples não participação e a caracterização de uma filosofia (ou de um ponto de vista) afirmativa e responsiva em relação às religiões. Nesse sentido, vimos que o ateísmo também se encontrava atrelado a questões como liberdade de expressão e de pensamento. Tais definições nos levam a retomar alguns postulados de Weber (2010), em que os valores “mundanos” e “extramundanos” passam a entrar em conflito, a salvação colide contra os valores do mundo. A efetividade de uma visão cética da realidade, baseada em fatos, e o afastamento do sagrado foi uma constante em quase todas as respostas acerca da definição de ateísmo. No entanto, como veremos mais adiante, as opiniões acerca da influência da religião na esfera pública foram distintas.

Após perguntarmos sobre a concepção de ateísmo para os entrevistados, seguimos perguntando em qual idade eles se tornaram ateus, além da motivação. A faixa etária de “conversão” ao ateísmo variou entre os 12 aos 24 anos, em geral a maioria começou a aderir ao ateísmo

por volta de seus 15 anos. Grande parte dos entrevistados tinham parentes próximos ou frequentaram instituições religiosas durante a infância, principalmente católicas.

Curiosamente, observamos que para muitos dos entrevistados o estudo acadêmico¹⁵ foi um marco definidor para o rompimento com a religião, em especial os estudos da filosofia e sociologia, durante o ensino médio ou superior. Esse fator aparece em paralelo com o progressivo desinteresse pelo “pertencimento” religioso. As explicações religiosas eram vistas como simplistas, repleta de dogmas e que ditam comportamentos. Alguns dos entrevistados disseram que acabavam frequentando as instituições religiosas devido a pressão familiar. Porém, dentre as respostas, duas nos chamam atenção por suas características, a primeira resposta se destaca pelo fato da entrevistada nos dizer que virou atea porque: “Virei comunista. Passei a pensar mais no protagonismo das pessoas, das sociedades, na produção da história individual e social”. Essa resposta muito nos remete à Marx (1976) e a sua interpretação sobre a “religião”.

A outra resposta que nos chama atenção traz a seguinte passagem: “Pelo menos nas religiões que eu conheço existem padrões que se repetem, então comecei a raciocinar e pensar que a religião é uma necessidade do ser humano e ela repete certos padrões que talvez devam estar no inconsciente coletivo”. Ao nos depararmos com tal afirmação, conseguimos pensar no conceito durkheimiano de “consciência coletiva”, que trata de um conjunto cultural de ideias morais, crenças e sentimentos comuns de membros de uma determinada sociedade. Como vimos anteriormente a religião é formadora de uma “comunidade moral”, e acaba por atuar como um fato social na vida das pessoas, fato esse que os rituais sagrados prescrevem comportamentos a ser seguidos (DURKHEIM, 1989), nesse caso conseguimos pensar os padrões dos quais o entrevistado se refere.

Quando questionamos acerca da percepção que os entrevistados têm da religião em geral, a grande maioria apresentou uma tensão entre a necessidade humana de ter resposta à angústias, de uma cosmovisão coletiva (por vezes tida como natural) e o caráter limitador, de dominação e alienação que a religião representa. Apesar de apontada a multiplicidade de religiões ao redor do globo, foi espontâneo e praticamente generalizado o comentário de que o cristianismo tem predominância nas discussões da esfera pública, justamente apontando sua história no Brasil colônia, sua postura impositiva e certo distanciamento entre os ensinamentos e as práticas. Houve comentários sobre hipocrisia dos sacerdotes e de leigos evangélicos e católicos, sobre abusos cometidos pelas próprias autoridades religiosas, sobre o apagamento de religiões como umbanda e espiritismo, e também foi recorrente a questão da exclusão das minorias LGBT. As religiões afro-brasileiras foram identificadas pela grande maioria como manifestação de resistência à discriminação, importantes para o debate público em torno da diversidade religiosa. Podemos dizer que entre os ateus entrevistados, a necessidade de valorização das tradições minoritárias e da ancestralidade (afro e, poucas vezes mencionada, indígena) é então amplamente reconhecida.

Os entrevistados que demonstraram descontentamento com a ideia de religião em geral acreditam que os elementos intolerância religiosa e controle dos corpos também estão presentes nessas práticas como em todas as demais. Para ilustrar esse raciocínio citamos duas falas:

¹⁵ Não temos a intenção de generalizar quaisquer percepções sociais sobre religião e dignidade humana tendo como princípio a área de formação acadêmica, mas destaca-se que a maioria dos entrevistados frequenta cursos de Ciências Humanas e, por conta disso, acreditamos que os resultados podem ter sido influenciados por tal característica comum. Este também é um dos motivos pelo qual o presente estudo se debruça sobre o tema da religião e dignidade humana tal como aparece entre os ateus universitários de maneira exploratória e sem o intuito de garantir maiores generalizações acerca da realidade brasileira.

“Todas acreditam quase na mesma coisa. Exatamente por essa pluralidade que eu não consigo acreditar. (...) Minha opinião geral é que eu não gosto de nenhuma, todas eu vou fazer uma crítica mesmo”. Na mesma entrevista: “A religião castra as pessoas e as deixam cegas, as deixam ignorantes. Gera problema psicológico. Eu tendo a enxergar a religião enquanto uma instituição”. E no segundo caso, foi perguntado sobre as vertentes cristãs especificamente e responde: “A mesma [opinião] que tenho sobre religiões em geral. Todas as religiões (...) quando são majoritárias em um lugar, são persecutórias contra comunidades religiosas minoritárias ou minorias sociais que contrariem seus princípios”. O fato de as religiões afro-brasileiras apresentarem um panteão de “divindades” personificadas é um condicionante para a não participação da maioria dos entrevistados. Em relação a esse fator, o Budismo é elogiado, pois, segundo os entrevistados, trata-se de uma religião mais racionalizada e de cunho mais prático.

Na fase final da entrevista, as questões acerca das definições de ateísmo, religião e dos fenômenos religiosos específicos foram progressivamente tomando um viés mais atrelado ao debate público. A intenção foi investigar em que pé estão as discussões acerca do imbricamento entre religião e política no Brasil na perspectiva dos ateus entrevistados. Dessa forma, pudemos compreender o modo como os universitários veem a relação que a religião tem ou “deveria ter” com as demais esferas da vida social.

Uma das questões versava sobre a opinião dos entrevistados a respeito dos adeptos em geral, e se havia diferença entre ser adepto de uma ou outra religião. Aqui as questões de esfera pública vieram à tona juntamente com o aspecto particular com que, de acordo com as entrevistas, é manifestamente importante para se discutir religião. Segundo a maioria dos entrevistados, é certo que há diferenças entre os adeptos de determinadas religiões justamente pelo conteúdo de seus ensinamentos que diferem entre si. Houve um conjunto de falas que identificaram as vertentes cristãs como promotoras de intolerância e atitudes discriminatórias, enquanto que, em relação às religiões de matriz afro-brasileiras, foi lembrado o seu caráter de defesa de uma comunidade étnica. A diferença das concepções dos entrevistados se revela na compreensão de quais os efeitos que as distintas religiões apresentam à esfera pública, considerando tanto a ação de líderes religiosos, quanto dos leigos.

Pensando em termos do horizonte dessa comunicação para os entrevistados, foram poucos aqueles que fizeram uma caracterização puramente negativa da religião. Podemos dizer que há, por parte de todos os entrevistados, compreensão em relação à necessidade das pessoas, individualmente, de lidarem com a falta de respostas e, também, em relação ao caráter histórico e de massas do passado das maiores religiões. Por esse motivo há o entendimento de que essas instituições continuarão fazendo parte da vida social. Para os entrevistados, ora este aspecto de permanência é problemático, vide os exemplos intolerantes das religiões, onde vemos que uma exigência de ceticismo seria condição para o desenvolvimento da democracia, ora ele é puramente tomado como um fato, sendo que a diferença central que pudemos observar entre essas duas perspectivas é o enfoque nas religiões dominantes, ou no aspecto particular que leva pessoas, independentemente de suas religiões, a tratarem o universo religioso de maneira instrumental (ignorando princípios orientadores de conduta de maneira conveniente), e/ou assumindo posições fundamentalistas quando impõem sua visão de mundo. Os ateus considerados militantes ou proselitistas também foram criticados quanto a sua incisiva predisposição à conversão de novos ateus. Em geral, os ateus entrevistados não têm necessidade de se afirmar publicamente, considerando o grau de sua religiosidade - nos termos de Simmel - um aspecto da vida privada. Por vezes foi mesmo dito que esse aspecto é ignorado, tido como

irrelevante para discussões e decisões da esfera pública.

Essa mesma postura foi verificada na maioria das respostas acerca da opinião sobre políticos que se declaram publicamente ateus ou religiosos. A priori não haveria diferença efetiva, já que a ética política deve concordar com a Constituição, independente da crença particular. Foi dito em uma das entrevistas: “A princípio não acho que isso seja demérito de nenhum político. Acho que é mais problemática a relação com o dinheiro e o que muitos políticos fazem para reproduzir o mandato do que a religião”. Sendo presente unanimemente a ressalva à extrapolação que ocorre na prática, onde políticos se utilizam do discurso religioso para angariar votos ou tomar decisões no âmbito da política. Por esse motivo os entrevistados hesitaram em afirmar a laicidade do Estado e chamaram a atenção para o atraso de pautas como a legalização do aborto e descriminalização das drogas.

Quando questionados sobre os efeitos que a religião produz na vida em sociedade, obtivemos respostas distintas. Em um panorama geral notamos nas respostas que a religião causa efeitos políticos, sociais e subjetivos, e que os impactos variam de religião para religião. As religiões cristãs demonstraram um caráter dúbio: na mesma medida em que era ressaltada uma face alienante e violenta, elas detinham um caráter importante no que se refere a trabalhos assistenciais, inserção de valores “positivos”, e auxílio aos indivíduos para superação de problemas por meio da fé. De um outro lado, notamos que os entrevistados têm maior simpatia no que se refere a religiões de matriz africana como o candomblé e a umbanda, onde em uma das respostas nos foi dito que “umbanda e candomblé produz paz, harmonia, não força a nada, não é uma forma de alienação, [...] a sociedade se beneficia com isso. Já o cristianismo força”. Também é existente certa simpatia com o budismo, onde, segundo alguns entrevistados, as pessoas buscam atingir um estado de tranquilidade. Destaca-se aqui respostas que reforçam apenas aspectos negativos, em que houve entrevistados que afirmaram que as religiões confundem os seus valores quando em contato com valores das instituições, como também a religião atua como aparato coercitivo na vida dos indivíduos. Neste sentido, novamente nos deparamos com a concepção de Émile Durkheim acerca da religião, onde a coerção aparece com a máscara que dita regras à serem seguidas. O “sagrado” demonstra hostilidade sobre o “profano”.

Ao contrário dos impactos que vimos pela religião, quando observamos as respostas sobre os efeitos do ateísmo na sociedade, temos respostas mais brandas. Para alguns o ateísmo tem pouca expressão devido a quantidade de adeptos, porém acreditam que caso houvesse um mundo mais ateu, seria possível ter uma vida com menos preconceitos, intolerâncias e repleto de avanços sociais. Em geral, segundo os entrevistados, o ateísmo “desembaça” a nossa forma de ver o mundo, o enxergando do jeito que realmente é, e isso auxilia o crescimento pessoal, “libertando” as pessoas. Vemos um grande materialismo e individualismo a esse respeito, o indivíduo consegue viver para si mesmo e pensar mudanças a partir de sua individualidade.

Aproximadamente metade dos entrevistados sabia da existência de grupos religiosos pluralistas ou progressistas, sendo citados casos entre católicos, espíritas, evangélicos e umbandistas. A única citação específica foi à Teologia da Libertação. Estas perspectivas e disposição para tratar das particularidades de cada ator ou instituição estariam de acordo com o horizonte pós-secular. Foram mínimas, dentre as entrevistas, as passagens que negaram qualquer possibilidade de progressismo ou de defesa dos direitos humanos por parte das religiões, ainda que reconhecessem nas vertentes cristãs, mas sem nomear, o número majoritário de grupos religiosos que apresentam práticas intolerantes.

Ainda que o foco desta pesquisa foi compreender a perspectiva de ateus a respeito da religião, e não da religiosidade, a grande maioria dos entrevistados não considera “ser religioso” um demérito, tampouco uma contradição à dignidade humana, mas identificam o problema social nos efeitos causados pelas religiões hegemônicas, notadamente o cristianismo no Brasil, em que até os que buscam a religiosidade nas religiões acabam sucumbindo aos interesses de dominação de tais vertentes religiosas. Portanto, a perspectiva deste conjunto de pessoas entrevistadas demonstra uma compreensão sobre religião distinta da que se evidencia e alguns pronunciamentos da ATEA e da LiHS, citadas no início deste trabalho, além de uma melhor aceitação da religião e da religiosidade, salvo suas manifestações intolerantes, do que se percebe nos autores ateus de grande influência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa exploratória teve como objetivo compreender a perspectiva de ateus universitários sobre quais os efeitos que a religião proporciona à dignidade da pessoa humana. Subsidiados metodologicamente a partir de uma compreensão sobre religião e religiosidade de distintos estudiosos que se dedicaram ao tema, as entrevistas foram analisadas no sentido de perceber as possibilidades e limites que estes ateus identificam na religião em termos de sua potencialidade de produzir autonomia ou dominação àqueles que professam alguma fé e/ou que são adeptos a alguma religião.

Em síntese, os ateus entrevistados tendem a perceber uma série de limitações proporcionadas pela religião dominante e seus segmentos religiosos, destacadamente o cristianismo e as igrejas católica e evangélicas, no reconhecimento e defesa da dignidade da pessoa humana. Porém, este mesmo grupo entende em outras manifestações religiosas, em especial na umbanda e candomblé, profícuas possibilidades de reconhecimento das diferenças, da valorização da cultura étnico-racial e da pluralidade religiosa. Além disso, os ateus se mostraram mais críticos à religião institucionalizada do que a religiosidade individual das pessoas, cujo enfoque das críticas aparece nos efeitos intolerantes e de dominação produzidos pela religião hegemônica (cristianismo) na esfera pública e, mais especificamente, interno ao campo religioso. Portanto, para os entrevistados, ser religioso e/ou adepto de uma religião não é considerado um “problema”, conquanto que isto não influencie na autonomia das pessoas, no direito aos seus corpos, e na liberdade de crenças, não crença e de convicções no âmbito da esfera pública.

Por se tratar de um recorte muito específico, qual seja, de ateus que estão presentes no ambiente universitário público, e levando em conta a pouca variedade de cursos contemplados, consideramos que os resultados aqui obtidos podem não aparecer de modo semelhante se considerado um recorte mais abrangente, portanto, salienta-se que os resultados encontrados nesta pesquisa dificilmente são generalizáveis. Neste sentido, mais pesquisas com recortes distintos no que se refere aos segmentos de ateus no Brasil podem contribuir para o entendimento de suas perspectivas referentes aos efeitos da religião em sociedade.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- COMPARATO, Fábio K. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. São Paulo: Saraiva,

2013.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DENNETT, Daniel C. **Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural**. São Paulo: Globo, 2006.

DURKHEIM, Émile. Definição do fenômeno religioso e da religião. In: DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, Paulinas, 1989.

EINSTEIN, Albert. Religião e ciência (1930); Ciência e religião (1939/1941); Ciência e religião: irreconciliáveis? (1948). In: EINSTEIN, Albert. **Como vejo a ciência, a religião e o mundo**. Lisboa: Relógio D'água, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Fé e saber**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

HABERMAS, Jürgen. Fundamentos pré-políticos do Estado de direito democrático? In: HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph. **Dialética da secularização: sobre razão e religião**. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

HARRIS, Sam. **O fim da fé: religião, terrorismo e o futuro da razão**. Lisboa: Tinta da China, 2007a.

HARRIS, Sam. **Carta a uma nação cristã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

HARRIS, Sam. **A paisagem moral: como a ciência pode determinar os valores humanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HITCHENS, Christopher. **Deus não é grande: como a religião envenena tudo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

KOSLOWSKI, Adilson; SANTOS, Valmor. Revisão do conceito de "ateísmo" na literatura contemporânea. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, 2016., p. 810-826.

LEÃO, Rodrigo A. Teoria sociológica clássica: o fenômeno religioso em Durkheim, Marx e Weber. **Revista Brasileira de História das Religiões**, vol. 8, n. 22, 2015, p. 09-23.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, v.2, n. 24, 2013, p. 119-137.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

MARX, Karl, Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre a religião**. Lisboa: Edições 70, 1976.

NOVAES, Regina. Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n. 52, 2004, p. 321-330.

POOLE, Steven. The Four Horsemen review - whatever happened to 'New Atheism'? **The Guardian**. 31 jan. 2019. Acesso em: novembro de 2019.

PRESSE, France. Os ateus no Brasil e seu medo de sair do armário. **G1 – Mundo**. 06 jun. 2013. Acesso em: novembro de 2019.

PREVIDELLI, Amanda. Band é condenada por ofensa de Datena a ateus. **Exame**. 1 fev. 2013. Acesso em: novembro de 2019.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v.10, n 28, 2012, p. 1130-1153.

SIMMEL, Georg. Contribuição para a sociologia da religião e O problema da situação religiosa. In: SIMMEL, Georg. **Religião: ensaios**. v. 2. São Paulo, Olho d'água, 2011.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2014.

SOUZA, André Ricardo de. Pluralidade Cristã: algumas questões do cenário religioso brasileiro. **Revista USP**, nº 120, 2019, p. 13-22.

WEBER, Max. **Sociologia das religiões**. São Paulo: ícone, 2010.

WEBER, Max. Sociologia da dominação. *In*: WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. V. 2. Brasília, Editora da UnB, 2004.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

WEBER, Max. Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas). *In*: WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. V. 1. Brasília, Editora da UnB, 1991.